



“A poesia é necessidade”: entrevista com Milena Martins Moura

Daniela Feriani[1]

Milena é poeta, editora, pesquisadora, autista. Com seis livros publicados, tem na escrita o seu propósito, a sua necessidade, a possibilidade não só de criar mas também de viver a seu modo, de traçar linhas de fuga desse sistema que nos exige correr e ser produtivo o tempo todo. A poesia, ao pausar os ponteiros do relógio, permitiu a ela respirar, ser, libertar-se.



Milena tem 39 anos, mora no Rio de Janeiro com o marido Pedro e os gatos Oscar Wild e Erwin Schrodinger. Adora ler, tocar baixo, beber vinho e ver *Doctor Who*.

Milena é poeta, editora, pesquisadora, autista. É mestre em Literatura Brasileira pela UERJ e doutoranda em Literatura Comparada pela UFF, pesquisando poesia erótica escrita por mulheres



como ferramenta de resistência antipatriarcal. É editora da revista *Cassandra*, especializada na literatura escrita por mulheres. Com seis livros publicados, foi semifinalista do Prêmio Jabuti com *O cordeiro e os pecados dividindo o pão* (Abio, 2023). O seu mais recente livro – *o carro de apolo capotou no horizonte* (Macabéa, 2025) – é finalista do Prêmio Loba na categoria de poesia.

Nesta entrevista, Milena conta como, a despeito das adversidades, das opiniões contrárias, das expectativas frustradas, insistiu em seu desejo de escrever, encontrando na escrita o seu propósito, a sua necessidade, a possibilidade não só de criar mas também de viver a seu modo, de abrir frestas nas paredes sufocantes dos escritórios gelados e sem cor, de traçar linhas de fuga desse sistema que nos exige correr e ser produtivo o tempo todo. A poesia, ao pausar os ponteiros do relógio, permitiu a ela respirar, ser, libertar-se.

Para Milena, a escrita, para qualquer pessoa, deve ser livre. A escrita é livre e também está entrelaçada ao corpo que escreve. “Nenhuma literatura pode fugir do sujeito que a redige”. Assim, reconhece o quanto o autismo influencia o seu modo de escrever, uma vez que ele também é inseparável do seu modo de ser, sentir, pensar, viver. “... ser autista está em todos os aspectos da minha vida, influencia de maneira substancial aquilo que sou no mundo, uma vez que é ele a base neuroquímica com que reajo aos estímulos do mundo.” Isso não significa, porém, que tudo se limita ao autismo ou que, mais ainda, o autismo seja um limitador, um denominador tanto para a escrita quanto para a vida.

Milena não toma o autismo de modo didático e explicativo, como se fosse uma lista de sintomas a serem classificados. “A experiência autista é também experiência humana e merece ser trabalhada literariamente como tal. Você não vai ver um autor neurotípico explicando que sua personagem neurotípica está chorando porque naquele momento de grande tristeza seu nível de serotonina estava baixo, então por que meu narrador tem que explicar que minha personagem está mordendo os braços por causa de uma sobrecarga de estímulos?”

Se a experiência de ser autista é um tema de escrita, ela não se sente obrigada a falar sobre isso se assim não quiser. E Milena fala de muitas outras coisas. Fala de escrita, mitologia, religião, feminino, erótico. Faz uma crítica ao modo como os corpos – especialmente de mulheres e pessoas com deficiência – são subjugados por padrões normativos, pretensamente hegemônicos e totalizantes, sufocados por vidas sem sentido, presas no *modus operandi* capitalista, por constrangimentos sociais e religiosos, cerceados por culpa e projeções inatingíveis. Escrever, para Milena, é também transgredir essas fronteiras, subverter as posições tidas como “corretas”,



“normais”, convencionais. “Na minha obra, retiro o olhar do opressor do centro da narrativa e trago esses sujeitos marginalizados para o foco, dando a eles o controle que lhes foi tirado.” Uma defesa da liberdade, a liberdade de ser plenamente quem se é ou quem se deseja ser, com todos os rabiscos, lacunas, buracos, falhas, hesitações que nos compõem. A liberdade de ver que é na incompletude que existe a possibilidade de movimentar, criar, (re)existir.

ClimaCom - Daniela Feriani - Quando você soube do diagnóstico de autismo? Como foi?

Milena Martins Moura - Em 2015, eu trabalhava em uma editora grande de livros médicos. Era um péssimo trabalho, honestamente, mas sempre se pode tirar algo bom de uma situação ruim e aprendi muito sobre a área. Um dia, um texto sobre autismo em adultos, algo que à época não era muito comentado ainda, me caiu nas mãos para revisão. A coisa toda bateu, sabe? Acho que esse momento de realização é canônico na vida de um autista tardiamente diagnosticado. Tive uma imensa certeza ali mesmo. Mas o autodiagnóstico, que me bastou *a priori*, começou a me parecer insuficiente durante a pandemia. Meus sintomas pioraram e comecei a precisar de mais suporte e terapias. Voltei à busca pelo laudo, do qual havia desistido por diversos traumas relacionados ao capacitismo médico, algo que acredito também ser canônico na vida de pessoas como eu. Felizmente, dessa vez encontrei duas profissionais igualmente autistas, especializadas no autismo adulto, que me guiaram durante a avaliação e me tratam até hoje. Tenho muito a agradecer. E há alguns anos tenho finalmente conseguido (um pouco d) o suporte médico de que eu necessitava.

ClimaCom - Daniela Feriani - Como é a sua relação com a escrita? Qual é o lugar que a escrita ocupa em sua vida? E por que escolher a poesia, em particular?

Milena Martins Moura - Vou repetir por toda a minha vida que querer o bem de alguém não pode significar esmagar seus sonhos. Como alguém que escolheu a arte, passei uma vida ouvindo que esse hobby de escrever versinhos não me levaria a nada, que eu precisava crescer, como se arte fosse sinônimo de imaturidade, que eu precisava acordar para vida, como se viver fosse abrir mão de si mesmo em nome de um emprego estável e uma promessa de aposentadoria cada vez mais distante da minha geração. Eu tentei, fui trabalhar em escritórios gelados sem luz natural, sem ergonomia, saindo de casa no escuro, voltando para casa no escuro, nove horas ou mais todos os dias, sem bálsamo, sem chance. Matei minhas mais belas obras por muitos anos. E. Eu. Quebrei.



Quando se é uma pessoa criativa, não poder criar é uma pequena morte diária. Todos os dias, ver poemas que poderiam-ter-sido sendo esquecidos porque não dava para escrever durante aquela reunião, aquele telefonema, aquela urgência inútil cujo único propósito é colocar o funcionário num estado constante de alerta para que produza cada vez mais, o que o leva cada vez mais perto do desespero. Não poder criar é castigo. A poesia é necessidade.

É claro, é preciso botar o pão na mesa, eu nasci numa família pobre, sonhar é quase luxo quando se precisa pensar na próxima refeição. E, no entanto, é preciso respeitar nossos limites, aprender que aparar arestas para caber num espaço que não é nosso é mutilação. Descobrir o autismo me fez compreender melhor como me proporcionar acessibilidades que, por sua vez, me permitem aproveitar minhas potencialidades ao máximo. Quando dá, e nem sempre dá, eu sei bem, é melhor viver com um pouco menos, mas *viver*.

Temos uma janela de existência tão pequena diante da vastidão do tempo e da imensidão do espaço, deveríamos gastá-la com deslumbre e em vez disso nos arrastamos num mundo em colapso com problemas facilmente evitáveis semeados por uma minoria com medo de perder seus privilégios, baseados, por sua vez, na exploração de uma maioria que não precisaria estar sofrendo tivessem os que estão acima sido educados a dividir só um pouquinho da sua riqueza. Num mundo como esse, não poder escrever, tanto para racionalizar a verdade quanto para fugir dela, é uma pequena morte diária, e cada pequena morte diária é um passo a mais para aquela maior, a definitiva, que se mostra cada vez mais convidativa quanto menos propósito se tem. Escrever é o meu propósito.

ClimaCom - Daniela Feriani - Como essas experiências – a do autismo e a da escrita – se relacionam? Ser autista influencia na sua maneira de escrever? E, por outro lado, a escrita tem algum impacto ou efeito no seu modo de ser e viver enquanto autista?

Milena Martins Moura - Nenhuma literatura pode fugir do sujeito que a redige, então é claro que o espectro tem sua parcela de envolvimento na forma como eu produzo literatura. Porque beira o incoerente esperar que uma pessoa autista “não se deixe definir” pelo espectro. Em primeiro lugar, ele é meu para decidir se me define ou não, e, no meu caso particular, acredito que isso não seja uma escolha: ser autista está em todos os aspectos da minha vida, influencia de maneira substancial aquilo que sou no mundo, uma vez que é ele a base neuroquímica com que reajo aos



estímulos do mundo. Em segundo, porque se uma pessoa me diz que não deixe o espectro me definir, está partindo de uma perspectiva capacitista que considera o que foge à norma algo errado: a deficiência é da dimensão da norma, pois foge dela, e a norma é da dimensão da maioria, pois é feita por ela; assim, ser normal é apenas se encaixar num *template* de normalidade incentivada como correta pela sociedade por ser aquela que melhor serve aos propósitos de produtividade, complacência e dessensibilidade necessários à manutenção do estado de coisas que temos hoje. Ser autista, para a pessoa autista, está em todas as coisas, desde a forma como seguramos o garfo para comer e o modo como lidamos com as relações sociais até o restaurante de que gostávamos mas deixamos de frequentar porque contrataram um garçom que assovia a noite inteira. O autismo está na minha preferência de dirigir sozinha porque pessoas são imprevisíveis e superestimulantes. Está nos fones de ouvido que não posso deixar de colocar para sair de casa. Está na configuração de corrida silenciosa no uber. Por que, afinal, não estaria na minha literatura?

A questão, para mim, é a forma como eu trabalho esse tema quando escrevo. Por não acreditar que sejamos uma lista de sinais e sintomas, não quero falar de autismo de modo didático e explicativo. A experiência autista é também experiência humana e merece ser trabalhada literariamente como tal. Você não vai ver um autor neurotípico explicando que sua personagem neurotípica está chorando porque naquele momento de grande tristeza seu nível de serotonina estava baixo, então por que meu narrador tem que explicar que minha personagem está mordendo os braços por causa de uma sobrecarga de estímulos? Na minha poesia, o autismo apenas aparece, intransitivo, como uma forma possível de existência, que é exatamente o que ele é. E mais: não me sinto também obrigada a falar sobre ele se eu não quiser. Ele pode estar ali, se manifestando na minha forma de escrita, nos métodos, nas imagens e no vocabulário que uso e até no horário que escolho para escrever, mas não necessariamente ser acessado como tema. Ser uma autora autista não me atrela ao autismo como alicerce da minha criação.

ClimaCom - Daniela Feriani - A infância é um tema que atravessa os seus livros. Em vários poemas, vemos uma criança deslocada, estranha, rodeada por cobranças e expectativas não atendidas. Quais são as marcas da infância que te perseguem e como você as vê e lida com elas atualmente?



Milena Martins Moura - Eu não acho que essa infância seja literal. Eu vejo essa pessoa deslocada como uma metáfora da minha pobre geração perdida num mundo em colapso, nostálgica de um mundo que já não existe, catando os cavacos e recolhendo os cacos de esperanças de grandeza que nos prometeram e nunca serão cumpridas. A minha geração se sacrificou desde nova porque era preciso trabalhar enquanto eles dormiam e, quanto mais se plantasse, mais se iria colher. Hoje, chegamos à meia idade, sem perspectivas, exaustos, desesperançados, endividados e em burnout antes dos quarenta. Não fazemos a mínima ideia de como navegar esse mundo completamente novo que não contempla aquilo que tanto trabalhamos para construir. Somos crianças assustadas de 30+, assombradas pelos fantasmas em baixo da cama. Existir com 39 anos hoje, nesse mundo, me dá a mesma sensação de ter 7 anos sendo pobre numa escola rica e autista cercada de neurotípicos, sempre sem entender nada sobre o que eu estava fazendo errado para ser tão rechaçada, ciente de que esperavam algo de mim que eu não estava atendendo, mas nunca entendendo o que e como fazer para conseguir.

ClimaCom - Daniela Feriani – Outros temas fortemente presentes são a religião e a mitologia, os quais aparecem muito mais numa proposta subversiva, transgressora, como uma tentativa de profanação de tudo o que é tido como sagrado e/ou extraordinário. Uma busca, talvez, por expiar os pecados – seus e de outros – a partir de uma inversão das posições entre culpados e inocentes, deuses e humanos, natural e sobrenatural. Como esses temas – o da religião e o da mitologia – se relacionam com a sua experiência de vida e de escrita?

Milena Martins Moura - Muito tem sido falado recentemente sobre como o colonialismo (e a religião está intimamente atrelada a ele) moldou o que é considerado um corpo normal: quieto, controlado, produtivo, submisso. É necessário que os corpos-padrão sejam assim para que possam ser dominados, e tanto a lógica colonial quanto a religiosa se alicerçam e mantêm seus privilégios pelo controle dos corpos. Um corpo inquieto não se permite sentar a uma mesa de escritório durante oito horas para produzir bens simbólicos e materiais dos quais nem poderá fruir plenamente. Um corpo insubmisso questiona autoridades, quebra sistemas. Manter os corpos sob controle se manifesta de diversas maneiras e na minha obra eu trago um olhar crítico para algumas delas.



Primeiramente, a conceituação da normalidade neurológica: neurotípico nunca foi um termo técnico da psicologia ou da medicina, meramente diz respeito ao padrão psico-cognitivo-comportamental visto como aceitável na sociedade. Sob o signo da neurotipia, que ocupa uma posição majoritária em direitos e de neutralidade, todos os demais neurotipos são patologizados e/ou condenados socialmente, sobretudo aqueles que não atendem à lógica do capital, que mede valor pelo quanto o sujeito produz. Meu corpo, com crises, sobrecargas, hiperfocos, não serve à lógica do capital e isso cria problemas diários estruturais que, no entanto, tamanha é a naturalização do controle na massa da população, não são levados em consideração pela maioria, o que inclui a medicina, o mercado de trabalho, a família e diversos outros aparelhos instrumentais do Estado.

Em segundo lugar, o sexo precisa ser domado. Não foi à toa que a sexualidade passou a ser assunto tabu e o sexo foi retirado há séculos da seara do sagrado e encaixado na dimensão do oculto, íntimo, vergonhoso, escondido. Isso tem, inclusive, muito pouco a ver com decoro e moral, e muito mais com um controle de corpos que serve à lógica do capital. É preciso domar o desejo para que tenha hora marcada e não fira o tempo de trabalho. É preciso também que o sexo seja visto como recreativo e praticado de maneira acrítica e emulando relações desiguais de poder. Um sexo insubmisso, atemporal e que acessa a dimensão do sagrado é um perigo, porque une os sujeitos que o sistema colonial capitalista luta por segregar (para dominar – bem ao gosto de Maquiavel). Um sexo praticado de maneira crítica e profunda traz o erótico para a dimensão do poder como queria Audre Lorde, quando, em *Sister outsider*, mostra que o potencial empoderador do erótico foi retirado, sobretudo das mulheres, justamente como forma de domesticação.

E, em terceiro lugar, manter a mulher afastada de sua sexualidade e fazê-la enxergar em seu corpo um inimigo, nas questões tanto sexual quanto estética, é também docilização e controle de corpos. Uma mulher que abraça sua aparência e sua sexualidade é livre e uma mulher livre é de uma força descomunal. Naomi Wolf, em *O mito da beleza*, afirma que a cultura da dieta é um sedativo político. É verdade, uma mulher que luta contra o espelho e a balança não tem tempo nem energia para lutar por mais muita coisa, porque o padrão que ela persegue é sempre muito afastado de um corpo real. Também paralisa a mulher a noção religiosa de que um corpo desejante corrompe a alma e precisa ser domado, principalmente quando as maiores religiões



institucionalizadas do mundo hoje têm como mito genético uma mulher cuja curiosidade danou a humanidade para todo o sempre.

Para o neurodivergente, foi por séculos dado o encarceramento, a infantilização, as práticas coercitivas baseadas em cura, a lobotomia. Para o sexo, foi dada a pornografia comercial para consumo acrítico a sós, sempre reduplicando relações desiguais entre os gêneros e reforçando a manutenção de privilégios de um sobre o outro. Para as mulheres, foi dado um padrão estético irreal como punição por desejar a intelectualidade, mais funções do que se é capaz de realizar como paga por desejar o mercado de trabalho e a independência financeira, e cobranças por escolhas de vida tradicionais, casamento, filhos, que lhes mostram que seus corpos nunca deixarão de ser policiados e vigiados.

Na minha obra, retiro o olhar do opressor do centro da narrativa e trago esses sujeitos marginalizados para o foco, dando a eles o controle que lhes foi tirado. Então os temas da neurodivergência (e aqui friso bem: não chamo nem jamais chamarei de loucura, pois definir os sujeitos em loucos ou sãos é mais um sustentáculo de segregação), do erótico e do feminino são fundantes na minha poesia.

ClimaCom - Daniela Feriani - Existe uma metalinguagem em seus livros, uma vez que, ao escrever, você traz a própria escrita como tema, o ato de escrever como um processo a ser mostrado, pensado. Esse convite à reflexão e essa experimentação com a escrita ficam ainda mais fortes em seu último livro – *O carro de Apolo capotou no horizonte* –, em que palavras são riscadas, despencam, ganham outras formas. Uma escrita lacunar, que traz à tona os rabiscos, as hesitações, os pensamentos intrusos, as autocríticas. Como você situa esse tipo de escrita em sua trajetória como escritora e no campo literário mais amplo, especialmente no que se refere à poesia e às escritas autobiográficas?

Milena Martins Moura - O Apolo é um livro bastante experimental, acho que, até hoje, é meu livro mais inventivo. Nele, eu quis problematizar uma certa ideia de poesia que é acabada, quase sublime, deixando o fazer poético, que é braçal, que é trabalhoso, embaixo do tapete – uma ideia arraigada na maioria das pessoas, porém extremamente irreal. Um poema demanda tempo, reescrita, um poema tem muitas versões, pode ser editado, transformado. E o momento antes da palavra certa vem cheio de palavras erradas. Deixar as marcas do processo foi uma forma de



mostrar os diálogos, as dúvidas, as intromissões do momento da escrita, e de problematizar o acréscimo de sentido das ausências.

Nesse livro, eu trago uma ficcionalização profunda da neurodivergência, para brincar com os limites do autobiográfico e do endereçamento, mas também porque eu quis criar camadas de leitura. A linguagem pretensamente mais simples ajuda nisso, não está ali sem propósito. Numa primeira camada, está uma leitura fluida, marcada por uma aparente autobiografia poética. Em camadas subjacentes, estão problematizações sobre o fazer poético, as noções de real e narrativa, e um sujeito poético fluido, representado pelo embate de vozes que apontam para si e para o outro. Como a Aline Aimée disse sobre o livro, e eu concordo, assumo o “erro” como método. Nada mais apropriado para alguém que habita um corpo divergente, tantas vezes visto como um erro a ser ajustado para funcionar.

ClimaCom - Daniela Feriani - Quais são as principais dificuldades que você enfrenta como autista, de um lado, e como escritora, de outro? E quais são os desafios de ser uma autista-escritora?

Milena Martins Moura – Subitamente (ou nem tanto, na verdade nem um pouco, talvez eu só quisesse que fosse assim mas nunca tenha realmente sido, vai saber rs), uma carreira na escrita deixou de ser sobre escrever solitário num escritório e passou a ser sobre aparecer em público, palestra, mesa redonda, sarau, oficina, apresentações, vídeo no Instagram. Meu deus, que cansativo, eu gosto tanto do meu cantinho na sombra. Mas é do nosso tempo que quem não apareça seja esquecido e eu, na verdade, nem abomino tanto assim falar em público. Adoro estar nos lugares e falar sobre literatura. E tenho sido bastante convidada, isso é legal. BUT... muitas vezes é profundamente doloroso. Alguém assoviou na plateia, a pessoa do meu lado fala cutucando, tem alguém mascando chiclete, a água está muito gelada, as luzes estão fortes demais. E não dá pra fugir, porque a neurotipia, esse conceito de normatividade, vai me alcinhar de tudo menos o que eu sou: uma pessoa em sofrimento.

Recentemente, estive no Sarau Ruídos, que é realizado mensalmente na Livraria Alento, aqui no Rio de Janeiro. O sarau é organizado pelos poetas Cecile Mendonça, Dora Lutz e Gabriel Silveira. Tive a responsabilidade (e a alegria) de fechar o sarau. Logo que cheguei, Dora se aproxima de mim, diz que, se as luzes estiverem me incomodando, é só falar que ela diminui. Foi a primeira



vez, em todos esses anos, que alguém se dispôs a atender uma necessidade minha. Nem preciso dizer o quanto isso representou, tanto que estou eu aqui falando sobre isso nessa entrevista. Porque a sociedade em peso diz estar okay com a presença do autista. Desde que ele não haja como tal. É bom se sentir acolhida como um ser humano, não como um peso que se precise carregar. Obrigada, Dora.

ClimaCom - Daniela Feriani – Vou acrescentar mais um condicionante nos desafios elencados acima: ser mulher, já que esse também é um tema que você traz em alguns poemas. Como a experiência de ser mulher impacta a experiência de escrever, de ser autista ou apenas de existir e se posicionar no mundo?

Milena Martins Moura – Eu acho que queimei essa pergunta, porque falei sobre isso lá em cima rs. Mas acho que é isso: a posição de neutralidade social pertence ao homem, branco, cis-heteronormativo, de classe social elevada, neurotípico, able-bodied e magro. Tudo aquilo que não performa esse papel é secundarizado. Por isso, a literatura desse sujeito social majoritário em direitos é considerada apenas-literatura, literatura intransitiva, e todo o restante é literatura-alguma-coisa. Literatura escrita por mulheres, literatura negra, literatura indígena, literatura LGBTQIAPN+ etc.

Existem muitas implicações para isso, a primeira delas sendo a dificuldade de ser levada a sério num ambiente intelectual dominado por essa figura de neutralidade. A literatura de mulheres é jogada para baixo do tapete, secundarizada, vista como menor e, ainda nesse momento histórico de um grande avanço para as escritoras, mais lida por mulheres do que pelos ditos grandes autores.

Outra grande implicação é que se cria uma demanda do que deve ser escrito por cada grupo, o que é limitante, principalmente quando pensamos que essa figura de neutralidade pode escrever o que quiser, de futebol a putaria, e não será contestada. Mas cada recorte minoritário do sujeito vem com uma etiqueta dos temas a tratar. Eu, por exemplo, como mulher, devo falar do feminino, como autista, devo falar do meu transtorno.

E não é que eu não queira, mas não só. Por isso eu bato na tecla de que uma pessoa neurodivergente não tem a obrigação de falar sobre sua condição se e quando não quiser, e tudo



bem. Falar de literatura e autismo não deve ser atrelado a essa literatura falar de autismo. A escrita de uma pessoa, qualquer pessoa, precisa ser livre.

ClimaCom - Daniela Feriani – Obrigada, Milena, por insistir na escrita para existir a seu modo, para que todos/as/es possam existir na liberdade de ser quem se é ou possa vir a ser. Ao inventar com a escrita, você também inventa um mundo onde cabe cada um de nós.

Deixo, por fim, um dos poemas do livro *o carro de apolo capotou no horizonte*:

com vontade de voar

1994

hora do recreio

eu era infeliz num cantinho

alguém jogou um pedaço

de papel da janela

do ultimo andar

eu era tão pequeninha

~~the little louca~~

~~retardadinha~~

~~sete aninhos dente em janelinha~~

~~lanchando sozinha~~

~~logo eu que~~

~~não gosto de rimas~~

e o pátio parecia imenso

com seu pé-direito de três andares

e o papel flutuando

hipnotizando as crianças

que queriam crescer muito rápido

~~e hoje devem sentir saudade~~

~~de não ter~~

~~conta bancária~~

novas demais para presumir

as implicações da resistência do ar

o papel caindo aos poucos

~~eu era pobre~~

dançando ao vento leve

~~numa escola rica~~

descendo devagar

~~um alívio cômico~~

e enfim se deitou junto aos meus pés



~~the little louca~~
~~retardadinha~~

eu ainda não sabia
que eu conquistaria tudo
a sós
com o atraso
da tentativa do erro da loucura

~~eu sou o erro~~

que eu ainda hoje
aos 37 anos
escreveria versos
na teimosia burra de acreditar
que todos os versos
não são em vão
~~todos os versos são em vão quando~~
~~quem escreve é a louca milena~~
~~tudo mundo sabe que lugar de louca~~
~~é desistindo de sonhar quem mandou~~
~~sonhar milena você precisa acordar~~
~~pra vida esse hobby de~~
~~escrever versinhos nunca vai pagar~~
~~as suas contas veja só perceba você nem passou pra final do tal~~
~~Prêmio~~
logo eu que
não gosto de maiúsculas

eu não sabia ainda o que demandava
o tabu entre as pernas
que mamãe proibia de tocar

só sabia
que tinha um papel
caindo
vermelho
feito pérola e futuro cadáver

e isso era um convite

~~nesse dia o carro de apolo não passou~~

Livros:



- *Promessa vazia* (Multifoco, 2011)
- *Os oráculos dos meus olhos* (Multifoco, 2014)
- *A orquestra dos inocentes condenados* (Primata, 2021)
- a plaquete *Banquete dos séculos* (edição da autora, 2021)
- *O cordeiro e os pecados dividindo o pão* (Aboio, 2023)
- *o carro de apolo capotou no horizonte* (Macabéa, 2025).

Instagram: @milena.martins.moura

E-mail: milenamartinstradutora@gmail.com

Site: milenamartinsmoura.com.br

[1] Antropóloga formada pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Atualmente, é bolsista de Jornalismo Científico (Mídia Ciência) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, com o projeto “A demência como outro mundo possível: ações de divulgação científica” [2024/05623-0].

Email: danielaferiani@yahoo.com.br / Instagram: @soproseassombros